

## **EDUCAÇÃO EM SEXUALIDADE NA ESCOLA: DIALOGANDO SOBRE GÊNERO COM ESTUDANTES DO ENSINO MÉDIO**

### ***Eixo Temático 12 - Educação em Sexualidade e Desenvolvimento Humano: Pesquisas, Teorias e Práticas***

Pedro Raimundo Mathias de Miranda<sup>1</sup>

#### **RESUMO**

O gênero é uma dimensão humana, complexa e subjetiva, desenvolvida nas relações sociais. O objetivo da pesquisa foi compreender aspectos de como estudantes do Ensino Médio de uma escola pública, subjetivam questões da sexualidade e gênero, no contexto de práticas educativas dialógico-problematizadoras. A produção das informações ocorreu em encontros presenciais com 17 participantes, por meio de conversações em grupo. Inicialmente, os sentidos subjetivos dos/as participantes relativos a gênero revelam que o determinismo biológico está associado a regras e valores determinado pela sociedade. Com o processo dialógico, os/as participantes passaram a considerar que desde a infância, o gênero é uma construção social associada à percepção que o sujeito constrói de si mesmo.

**Palavras-chave:** Sentidos Subjetivos; Teoria da Subjetividade; Abordagem Emancipatória.

#### **INTRODUÇÃO**

Desde a infância, recebemos na família, escola e outros espaços sociais, informações e orientações explícitas e implícitas, positivas e negativas, sobre normas e valores culturalmente estabelecidos sobre gênero e sexualidade, que irão configurar a compreensão, expressão e vivência dessas dimensões humanas.

Na escola, a depender do tipo de abordagem, atividades pedagógicas de educação em sexualidade podem contribuir para que crianças e/ou adolescentes ampliem e ressignifiquem concepções, valores, crenças e normas relacionadas à expressão e vivência da sexualidade. Quanto ao gênero, crianças e adolescentes podem apreender que essa dimensão é uma

---

<sup>1</sup> Doutor pelo Curso de Educação em Ciências e Matemática/REAMEC da Universidade Federal do Mato Grosso- MT, [pedro.miranda@ufac.br](mailto:pedro.miranda@ufac.br).

construção social, orientada por normas, crenças, regras e valores instituídos em uma dada sociedade e subjetivadas desde a infância.

A educação em sexualidade na escola, em uma perspectiva de abordagem dialógica e emancipatória, consiste de toda e qualquer conversação, experiência ou ação de ensino e aprendizagem que assegure a reflexão, a produção de conhecimentos, valores, sentimentos, emoções, comportamentos e/ou atitudes, por iniciativa de professores/as e/ou de alunos/as, como parte ou não do conteúdo de ensino, dentro ou fora da sala de aula, com fins à construção e/ou ressignificação de saberes e crenças relacionadas à expressão e vivência da sexualidade e gênero, livre de culpa, preconceito e opressão social (FURLANI, 2011; FIGUEIRÓ, 2013; UNESCO, 2014).

Para este estudo, considere-se que a aprendizagem e compreensão dos/as estudantes adolescentes sobre gênero e sexualidade encontra-se em construção e ressignificação, a partir das experiências e descobertas de si, da sensualidade, da afetividade, das relações e representações de gênero, do convívio com a diversidade sexual e do combate (ou reafirmação) do preconceito, discriminação e outros modos de violência contra mulheres ou homens trans, homossexuais e travestis, por exemplo, pouco problematizados na família e na escola.

Para uma abordagem emancipatória e dialógica de educação em sexualidade na escola, Figueiró (2010) aponta algumas premissas que devem orientar o trabalho pedagógico, a exemplo do olhar crítico e questionador das imposições de gênero e da heteronormatividade como normal, social e moralmente aceitável para uma relação afetiva e sexual. A luta por respeito para com a diversidade sexual, a garantia de direitos da saúde sexual e reprodutiva, a valorização dos aspectos informativos e formativos, o processo dialógico para revisão e construção de atitudes, valores, normas e sentimentos, bem com a supressão de dúvidas, mitos, tabus e preconceitos relacionados à sexualidade (e gênero), como meio de esclarecer, orientar e libertar pessoas para vivenciar a sexualidade de forma plena e satisfatória.

O objetivo geral da pesquisa foi compreender aspectos de como estudantes do Ensino Médio de uma escola pública de Rio Branco, Acre, subjetivam questões relacionadas à sexualidade (e gênero), no contexto de práticas educativas dialógico-problematizadoras em sala de aula, com base em uma abordagem emancipatória de educação sexual.

Os sentidos subjetivos são unidades simbólico-emocionais que emergem no curso de qualquer atividade, incluindo a aprendizagem (GONZÁLEZ REY, 2008). Conforme Monte e Lustosa (2012), a aprendizagem escolar é um processo complexo, que envolve aspectos

sociais, culturais, históricos e a subjetividade do sujeito que aprende. Assim, adotei como referencial a Teoria da Subjetividade de González Rey (2012, 2017) que, com base na perspectiva histórico-cultural, a concebe como “[...] a complexidade da constituição psicológica humana nas condições da cultura e vida social [...]” (MITJÁNS MARTINEZ; GONZÁLEZ REY, 2017, p. 52).

Os aspectos subjetivos e sociais, como integrantes da aprendizagem, não têm sido levados em consideração por parte de educadores/as, que concebem a aprendizagem somente em seus aspectos cognitivo-intelectuais. González Rey (2008, p. 33) propôs integrar a subjetividade ao processo de ensino e aprendizagem na escola, pois a produção de sentidos subjetivos acrescenta qualidade à aprendizagem, ao considerar que “[...] o sujeito aprende como sistema e não só como intelecto”.

Nesse relato de experiência, os dados produzidos sobre como os/as participantes da pesquisa concebem gênero e suas relações foram analisados e discutidos, uma vez que não foram incluídos na tese.

## **METODOLOGIA**

A pesquisa de natureza qualitativa foi fundamentada na Epistemologia Qualitativa de González Rey (2005). Um referencial epistemológico que concebe a produção de conhecimento como um processo construtivo-interpretativo, de responsabilidade do/a pesquisador/a, durante o trabalho de campo, com ênfase no caráter interativo dialógico com/entre os/as participantes e o/a pesquisador/a (GONZÁLEZ REY, 2005).

A produção das informações ocorreu em encontros presenciais, realizados uma vez por semana de duas horas cada, com 17 participantes de ambos os gêneros, por meio de conversações em grupo e instrumentos escritos (desenho, registro em caderno e outros). Para este resumo, foram considerados três (3) encontros, em que dialogamos sobre gênero inserido no tema mídia, relações de gênero e relacionamentos.

A análise construtivo-interpretativa das informações incluiu a construção de indicadores, elaboração de hipóteses e construção do modelo teórico, isto é: “[...] um modelo capaz de integrar processos relevantes de comunicação em sala de aula que permitam sustentar a efetividade [...] de comunicação que se pretende [...]”, em busca da produção de sentidos subjetivos sobre determinado tema ou conteúdo (GONZÁLEZ REY; MITJÁNS MARTINEZ, 2017, p. 91).

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

Para iniciar as conversações sobre gênero, questionei se ser homem ou ser mulher é algo definido pelos órgãos genitais ou algo que se aprende? Alguns/mas participantes consideraram que “[...] *A gente já nasce assim!*” (Marília, Conversação em Grupo, CG). Dentre outros comentários, Sofia questionou: o que é ser homem? E o que é ser mulher?

O questionamento fez emergir novas opiniões, a exemplo de “*Eu acho que ser homem tem mais a ver com o psicológico [...] do que ter um pênis. Há, ele é homem. [...] Ele pode pensar na cabeça dele: eu sou mulher*” (Potira, CG), abrindo a perspectiva de que ser homem ou ser mulher pode estar relacionado a outros aspectos. Nesse sentido, Ana afirmou: “[...] *eu nasci homem, mas eu me identifico como mulher. Como assim? Você se sente menina ou você que se comporta [como menina]? Porque quem diz como o homem deve se comportar é a sociedade*” (CG).

Para continuar o diálogo sobre gênero, exibi o vídeo *Era uma vez outra Maria* (disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=-xxysp953s>), um desenho animado mudo, que aborda aspectos sobre as relações de gênero e sexualidade na adolescência. Nos comentários sobre o que mais chamou a atenção dos/as participantes, por exemplo, “*Maria não tinha o direito de fazer o que ela queria. Tinha que seguir padrões que a sociedade impôs de acordo com o seu sexo biológico*” (Potira, CG).

De modo geral, as opiniões e sugestões dos/as participantes indicam aspectos subjetivos de que a construção do gênero é orientada a princípio pelo sexo biológico, considerando as crenças, normas e valores estabelecidos pela sociedade no que se convencionou chamar de padrões de masculinidade e feminilidade. Entendo tal aspecto como resultante do caráter recursivo entre a subjetividade social e a subjetividade individual dos/as participantes em torno das questões e relações de gênero.

Em seguida, utilizei um pequeno trecho do filme *A Pequena Sereia* (Walt Disney Animation Studios, 1989), para dialogarmos sobre como um artefato cultural (filme) traz de modo subliminar, mensagens que influenciam atitudes e/ou comportamentos de crianças e adolescentes, no sentido de construírem valores, normas e crenças de como homens e mulheres devem se comportar em seus relacionamentos.

Coube ainda aos/às participantes da pesquisa, construir dois desenhos: de um menino e de uma menina, para dialogar em pequenos grupos, sobre as informações, orientações, regras

e valores que as crianças recebem da família, na escola e outros espaços sociais para que se comportem em conformidade com o gênero, em função do sexo biológico.

Nas apresentações, os/as participantes indicaram que, de modo geral, o menino pode andar sem camisa, jogar bola, sair com os amigos e ter várias garotas. Não pode brincar de boneca, usar saia, maquiagem e fazer depilação entre outros. A menina deve estar sempre arrumada, usar vestido, brinco e maquiagem ter cabelo grande, não usar roupas curtas e brincar de boneca. Que não pode andar sem blusa, sentar-se de pernas abertas, jogar bola, se masturbar e ser desleixada, por exemplo.

Questionados sobre a existência de regras, normas e valores que normatizam padrões de masculinidade e feminidade, os/as participantes consideraram que elas existem desde antes de nascerem. Em seguida, sugeriu que refletissem sobre de onde tiraram as ideias apresentadas. Disseram que as normas já existiam na família e outros meios onde cresceram, como a escola e a igreja, e que foram estabelecidas pela sociedade. Disseram ainda que, com o tempo, os valores e as normas sofrem mudanças, devido as contestações e modo como alguns sujeitos interpretam e aceitam os padrões de feminilidade e/ou masculinidade estabelecidos, como por exemplo, a mulher usar calça comprida e poder trabalhar fora.

Para Marília, nas relações de gênero “[...] *o homem tem mais liberdade que a mulher*”, sendo que a escola atua de forma tradicional e, “[...] *às vezes, acaba oprimindo*” [...], por adotar e valorizar padrões de comportamentos hegemônicos de como homens e mulheres devem viver em sociedade. A título de exemplo, contou que “*o [fulano] quando usou batom, pediram para ele retirar o batom, pois ele estava influenciando as crianças e quando a [fulana] estava jogando com os meninos, [...] pediram para ela parar de jogar, porque era coisa de menino*” (CG).

Segundo Bonfim (2012, p. 39) o gênero é uma construção subjetiva de ser “masculino” ou “feminino” e essa dualidade, com base em uma educação sexista limita a “forma de ser, viver e sentir o que é ser homem e mulher ... [e] impede de compreender que pode haver masculinidades e feminilidades”.

Louro (2013) afirma que existe um investimento significativo e intencional das instituições sociais (família, escola, mídia, igreja e outros) por meio de estratégias e táticas, para “fixar” no sujeito a identidade heterossexual e os padrões de gênero considerados “normais”. Desse sentido, o gênero enquanto uma produção social e subjetiva, própria do desenvolvimento biopsicossocial do ser humano, acontece, simultaneamente, em nível social e individual de modo recursivo, uma vez que [...] cada ser humano carrega consigo um saber

sócio-histórico construído [...], resultante das transformações, significados, conhecimento e comportamentos do meio social (MEIRA; SANTANA, 2014, p. 161).

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Considero que a maioria dos/as participantes da pesquisa passou a considerar que *ser homem e ser mulher* é algo que se aprende no convívio familiar, na escola, na igreja e outros espaços sociais, a partir de normas e valores pré-estabelecidos pela sociedade, sem desconsiderar o aspecto psicológico próprio de cada ser humano. Assim sendo, ressalvas foram feitas no sentido de que “a identidade de gênero consiste na forma como alguém se sente, identifica-se e apresenta-se para si próprio e para os que o rodeiam, [...] independente do sexo biológico ou de sua orientação sexual” (BONFIM, 2012, p. 38).

No entanto, a escola enquanto instituição formadora de pessoas para conviver em sociedade, nem sempre considera a liberdade como elemento importante para a expressão da sexualidade e gênero. Como parte do processo educativo, prefere cumprir as normas e regras impostas pela sociedade para comportamento de meninos e meninas, sem levar em conta as necessidades de seus/suas estudantes.

Assim sendo, se faz urgente e importante que nas escolas possam acontecer diálogos para que os/as estudantes percebam e compreendam que existem modelos e regras sociais hegemônicos que estabelecem modo de ser e de viver, comportamentos e profissões de um e de outro sexo/gênero, entre outros. No entanto, alguns desses modelos e regras vem sendo questionados, ressignificados e/ou remodelados para inúmeros sujeitos e, a escola, não deveria se furtar à compreensão e debate desses aspectos, como meio de contribuir para a diminuição e supressão da discriminação, preconceito e outras formas de violência contra mulheres e homens trans, homossexuais, bissexuais e não-binários. E ainda, possibilitar e promover o convívio e o respeito para com diversidade sexual nos espaços sociais, rompendo com o silenciamento e a manutenção de significados e sentidos que reforçam, entre outro, a heteronormatividade e a homofobia.

## REFERÊNCIAS

BONFIM, Cláudia. **Desnudando a educação sexual**. Campinas, SP: Papyrus, 2012.

FIGUEIRO, Mary Neide Damico. **Educação Sexual no dia a dia**. Londrina, PR: EDUEL, 2013.

FIGUEIRÓ, Mary Neide Damico. **Educação Sexual: retomando uma proposta, um desafio**. 3. ed. Londrina, PR: EDUEL, 2010.

FURLANI, Gimena. **Educação sexual na sala de aula: relações de gênero, orientação sexual e igualdade étnico-racial numa proposta de respeito às diferenças**. Belo Horizonte: Autêntica, 2011.

GONZÁLEZ REY, Fernando.; MITJÁNS MARTÍNEZ, Albertina. **Subjetividade: teoria, epistemologia e método**. Campinas, SP: Alínea, 2017.

GONZALEZ REY, F. A configura subjetiva dos processos psíquicos: avançando na compreensão da aprendizagem como produção subjetiva. In: MITJÁNS MARTINEZ, Albertina; SCOZ, Beatriz J. Lima; CASTANHO, Maria Irene Siqueira (Org.). **Ensino e aprendizagem: a subjetividade em foco**. Brasília: Liber Livros, 2012, p. 21-42.

GONZALEZ REY, Fernando. O sujeito que aprende: desafios do desenvolvimento do tema da aprendizagem na psicologia e na prática pedagógica. In: TACCA, Maria Carmem Vilela Rosa. (Org.). **Aprendizagem e trabalho pedagógico**. Campinas, SP: Alínea, 2008. p. 29-44.

GONZALEZ REY, Fernando. **Pesquisa Qualitativa e Subjetividade: os processos de construção da informação**. São Paulo: Pioneira Thomson Learning. 2005.

LOURO, Guacira Lopes. Currículo, gênero e sexualidade: o “normal”, o “diferente” e o “excêntrico”. In: LOURO, Guacira Lopes; FELIPE, Jane; GOELLNER, Silvana Vilodre. (Org.). **Corpo, gênero e sexualidade: um debate contemporâneo na educação**. 9. ed. Petrópolis/RJ: Vozes, 2013b. p. 43-53.

MEIRA, Renan Devitto.; SANTANA, Luciana Teófilo. Sexualidade na perspectiva histórico-cultural: primeiras aproximações. **Trilhas Pedagógicas**, v. 4, n. 4, p. 160-181, ago. 2014.

MITJÁNS MARTINEZ, Albertina; GONZÁLEZ REY, Fernando. **Psicologia, educação e aprendizagem escolar: avançando na contribuição da leitura cultural-histórica**. São Paulo: Cortez, 2017.

UNESCO. **Orientações técnicas de educação em sexualidade para o cenário brasileiro: tópicos e objetivos de aprendizagem**. Brasília: UNESCO, 2014.